

**Guará, o craque que não foi:
ficção e história na biografia esportiva**

***Guará, the striker who was not:
fiction and history in sports biography***

Marcelino Rodrigues da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

lino-rodrigues@uol.com.br

Resumo: Tendo como pano de fundo o debate mais amplo sobre as fronteiras entre a literatura e a história, o artigo pretende discutir a presença do discurso biográfico no jornalismo e na cultura esportiva brasileira. Para isso, lança mão de referências teóricas sobre a narrativa e a biografia, colhidas tanto no campo dos estudos literários quanto no dos estudos históricos. Do trabalho dos historiadores, vem a percepção do caráter narrativo das representações do passado, bem como a reflexão sobre as diferentes formas de articular as trajetórias individuais focalizadas pela biografia e as experiências coletivas visadas pela historiografia. Do campo literário, são trazidas para o debate discussões sobre a ficção e suas relações com a realidade, as ligações entre biografia e outras formas literárias e o conceito de “ficção biográfica”, por meio do qual se evidencia a dimensão ficcional das narrativas biográficas e se questiona a tradição heroica da biografia histórica. Busca-se, desse modo, construir uma perspectiva analítica a partir da qual seja possível compreender melhor os sentidos e as funções da escrita biográfica na constituição do imaginário esportivo. Como exemplo das possibilidades abertas por essa perspectiva, são brevemente analisados alguns textos de caráter biográfico sobre a trajetória de Guará, jogador do Clube Atlético Mineiro nos anos 1930 que despontou para o estrelato e teve sua ascensão dramaticamente interrompida por um violento choque com o destino.

Palavras-chave: biografia; esporte; ficção; herói; homem comum.

Abstract: This paper intends to discuss the presence of the biographical discourse in Abstract: This paper intends to discuss the status of the biographical discourse in journalism and in the Brazilian sports culture. Its background comprises the broader debate on the borders between literature and history. To that end it uses theoretical references about narrative and biography, collected both in the field of literary and historical studies. From the historians' work arises the perception of the narrative quality in past representations; the reflection on the different forms of articulating individual trajectories, focused on by biographies, as well as the collective experiences viewed by historiography. Literary studies foster discussions about fiction and its relationships with reality, as well connections between biographies and other literary forms. Through the concept of "biographical fiction" the fictional dimension of biographical narratives is made evident, and the heroic tradition of historical biographies is questioned. Therefore, this is an attempt to construct an analytical perspective from which it would be possible to better understand the meanings and functions of biographical writing in the formation of sports imagination. As an example of the possibilities unfolded by this perspective, the author briefly analyzes biographical texts about the trajectory of Guará, a player for the Atlético Mineiro Club in the 1930s, who reached stardom and whose ascension was dramatically interrupted by a violent clash with destiny.

Keywords: biography; sports; fiction; hero; common man.

Recebido em: 28 de agosto de 2016.

Aprovado em: 16 de dezembro de 2016.

1. A presença da biografia na cultura esportiva brasileira

A escrita biográfica teve um papel importante na formação da cultura esportiva brasileira. Já nas primeiras décadas do século XX, período em que o futebol se disseminou nas grandes metrópoles do país, notas e perfis biográficos eram comuns nos jornais e revistas que dedicavam alguma atenção ao mundo esportivo. Os biografados eram, principalmente, os jovens e senhores elegantes que se encarregaram de introduzir e divulgar o esporte no Brasil, dando a ele um caráter ao mesmo

tempo elitista e modernizante. As trajetórias desses personagens eram contadas em textos que destacavam suas excelentes credenciais sociais e seu pioneirismo no esforço de trazer para o país as práticas, os valores e as novidades do “mundo civilizado”.

Um pouco mais tarde, quando o processo de popularização do futebol chegou à imprensa esportiva, a biografia dos atletas continuou atraindo grande interesse jornalístico. No início da década de 1930, as páginas de esporte do jornal *O Globo*, onde o jornalista Mário Filho comandava uma verdadeira revolução na forma de cobrir o futebol, publicavam com frequência entrevistas e reportagens de teor biográfico. Mas, na escolha dos biografados, o jornal tinha verdadeira obsessão por jovens jogadores vindos das classes econômicas mais baixas, como Fausto dos Santos, Leônidas da Silva e Domingos da Guia, integrantes da geração de craques negros e mulatos que em breve faria do Brasil o “país do futebol”.

Algumas décadas mais tarde, uma nova geração de ídolos populares protagonizou o grande ciclo de vitórias que marcou a “Era de Ouro” do futebol brasileiro, tornando-se objeto de uma infinidade de relatos biográficos. Alguns deles, todos nós sabemos de cor: Pelé é filho de Dondinho, nasceu em Três Corações e namorou com a Xuxa; Garrincha nasceu em Pau Grande, caçava passarinhos e casou-se com Elza Soares. No passado recente, uma onda de biografias esquadrinhou a vida de inúmeros outros personagens de diferentes épocas, como Friedenreich, Leônidas da Silva, Heleno de Freitas, Didi, Telê, Afonsinho, Sócrates e muitos outros.

Nesses relatos, evidentemente, foram os grandes heróis esportivos que receberam maior atenção. Mas nem por isso a imagem do homem comum esteve totalmente ausente. Mesmo nas biografias dos grandes ídolos, boa parte do interesse se volta para sua intimidade, suas raízes humildes, seus percalços domésticos e suas aventuras amorosas. Aliás, desde Plutarco, nome fundamental da biografia na Antiguidade, o interesse pelo íntimo, pelo doméstico e pelo comum da vida de todo homem, até mesmo dos grandes heróis, está na raiz do próprio gênero biográfico e de sua distinção em relação à historiografia.

Duas matérias publicadas pelo jornal *O Globo* em 1931 podem servir como exemplo da importância e do sentido que a biografia vinha adquirindo na formação da cultura esportiva brasileira. A primeira é uma entrevista com Leônidas da Silva, que naquela época estava em início de

carreira e ainda não tinha se tornado o personagem quase folclórico que conhecemos hoje. O título da matéria é “Leônidas conta a sua vida nas canchas de *football*” e, no texto de abertura, se diz o seguinte:

A vida do *crack* é sempre interessante para o público, ainda que não ofereça lances de sensação, ainda que se tenha desenvolvido normalmente [...] sem uma nota fulgurante e original. A vida de Leônidas não tem, é forçoso confessar, nenhum episódio empolgante, nenhuma raridade. Mas, basta para se tornar atraente, cativante, o simples fato de ser a vida de um *crack* que marcou o *goal* da vitória na partida com os paulistas.¹

O interesse pela vida de Leônidas, então, parece decorrer do fato de que, por definição, e mais ainda no caso do futebol brasileiro, a vida do herói esportivo é também a vida do homem comum, pois é uma vida dupla, que se desenrola em dois campos, dentro e fora das “canchas”. Sua biografia interessa pelo simples fato de que ele é o craque, e dentro do campo realiza grandes façanhas, enchendo de emoção a vida dos torcedores. Mas interessa também porque, fora desse espaço-tempo isolado em que o jogo acontece, ele é um homem de vida comum, identificada à das pessoas que vibram com ele e nele projetam seus sonhos e aspirações.

A segunda matéria é um pequeno relato, supostamente autobiográfico, do hoje desconhecido Jaguarão, que naquela época atuava pelo Bangu. Sob o título “Eu sou Jaguarão, o preto que tem *shoot* de branco”, a narrativa começa assim: “Se um romancista conhecesse a minha vida, escreveria um romance de aventuras. E para pano de amostra – uma amostrazinha só – eu vou contar como dei com os ossos na cidade de São Sebastião e como acabei sendo o perigo negro de Bangu.” Depois de contar suas peripécias em busca de sucesso nos clubes do Rio, num tom rocambolesco, típico dos romances de folhetim, o jogador-narrador arremata: “E foi assim que eu, Cyrillo Campelo, o Jaguarão, negro com *shoot* de branco, tocador de gaita, me tornei o perigo escuro do Bangu. Conte um pedaço de minha vida. Avaliem o que eu não contei.”²

¹ LEÔNIDAS conta sua vida nas canchas de *football*, p. 8.

² EU sou Jaguarão, o preto que tem *shoot* de branco, p. 8.

É importante observar que a seção esportiva d’*O Globo*, naquela época, era comandada por Mário Filho, e que junto com ele trabalhava seu irmão mais novo, um garoto de 18 ou 19 anos chamado Nelson Rodrigues. Assim, é fácil supor que nas palavras atribuídas a Jaguarão exista alguma interferência dos irmãos Rodrigues, que ficaram famosos por tirar do futebol tudo que ele tem de trágico, cômico e pitoresco, tornando-se os principais cronistas da grande saga daquele que já foi, um dia, o “país do futebol”. A matéria sobre Jaguarão é uma verdadeira aula de escrita biográfica, mostrando em poucas linhas todo o arsenal de artifícios do biógrafo: as técnicas narrativas do romance no manejo do tempo, do ponto de vista e da construção de personagens; a escolha de personagens humildes e identificados com o novo público do futebol; o herói malandro, aos moldes de Pedro Malasartes e Macunaíma, que já estava se tornando o protótipo do brasileiro.

Para além das especificidades do mundo esportivo e da história do futebol no Brasil, portanto, temos aí todo um conjunto de questões de alcance mais amplo, no qual é preciso pensar um pouco, para melhor interpretar a presença da biografia no universo dos esportes. Em primeiro plano, a dimensão ficcional da biografia e os sentidos, possibilidades e motivos do interesse pela vida de heróis e homens comuns. Como pano de fundo, a função da ficção na constituição do conhecimento sobre o passado, o estatuto de saber da narrativa e as tênues fronteiras e múltiplas interfaces entre a literatura e a história. Na próxima seção, este artigo busca contribuir com esse debate, elaborando algumas reflexões de caráter teórico sobre a biografia, a partir de referências colhidas tanto no campo dos estudos literários quanto no dos estudos históricos. Na seção final, as possibilidades abertas por essa perspectiva são brevemente exploradas, com a análise de alguns textos de caráter biográfico sobre a trajetória de Guará, jogador do Clube Atlético Mineiro nos anos 1930 que despontou para o estrelato e teve sua ascensão dramaticamente interrompida por um violento choque com o destino.

2. Biografia, história e ficção

O problema da presença da ficção nas representações da realidade tem atraído bastante atenção, em diferentes campos do saber. Nos estudos sobre a biografia, essa questão já foi bem explorada, sobretudo pela via de suas ligações com o romance, que compartilha com ela as relações

com o individualismo burguês e a construção do sujeito na Modernidade. Nas ciências sociais, podemos lembrar, por exemplo, o famoso ensaio em que Pierre Bourdieu chama de “ilusão biográfica” a pressuposição de que a vida é uma história, com início, meio e fim, encruzilhadas, ardis e emboscadas, criando-se assim uma falsa impressão de coerência, unidade e finalidade.³ Mas, para sublinhar a abrangência do debate, pode-se formular essa mesma ideia a partir de algumas referências teóricas sobre a ficção literária e o discurso histórico.

A primeira delas é a teoria da ficção do alemão Wolfgang Iser, segundo a qual a ficção não é o contrário da realidade, mas uma operação de mediação e transgressão de limites entre o real e o imaginário. No ensaio “Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional”, o autor mostra que seleção e combinação de elementos da realidade (incluindo aí o próprio mundo dos textos) são “atos de fingir” que não são exclusivos do texto que se dá a ler como ficção, cabendo apenas ao “desnudamento da própria ficcionalidade” e ao contrato de leitura que ele aciona, o caráter distintivo da ficção literária.⁴ Assim, “as ficções não existem só como textos ficcionais; elas desempenham um papel importante tanto nas atividades do conhecimento, da ação e do comportamento, quanto no estabelecimento de instituições, de sociedades e de visões de mundo”.⁵ Nos textos que não se dão a ler como ficcionais e que se apresentam como explicações ou representações diretas da realidade, entretanto, a ficção não pode se explicitar. “A ficção preocupada com a explicação, na dissimulação de seu estatuto próprio, se oferece como aparência da realidade”, para que possa “funcionar como a condição transcendental de constituição da realidade”.⁶

A essa afirmação da presença da ficção em textos não ficcionais, podemos ligar as reflexões do historiador estadunidense Hayden White sobre as relações entre história e literatura, particularmente sobre a função dos elementos ficcionais nas narrativas históricas. No ensaio “O texto histórico como artefato literário”, por exemplo, ele mostra que, como um narrador, o historiador tem que selecionar e combinar elementos da realidade (os documentos, vestígios e restos do passado), preencher

³ BOURDIEU. A ilusão biográfica, p. 183-185.

⁴ ISER. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional, p. 970.

⁵ ISER. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional, p. 970.

⁶ ISER. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional, p. 970.

suas lacunas e produzir uma narrativa que atribua coerência e sentido a esse material inicialmente estranho e fragmentário. Para isso, ele utiliza as estruturas e modos de urdidura narrativa considerados válidos em sua cultura, desenvolvidos e experimentados antes pela ficção literária. Assim, o autor conclui que “só podemos conhecer o real comparando-o ou equiparando-o ao imaginável”,⁷ ou seja, a ficção é vista como uma mediação necessária para a própria constituição de um conhecimento sobre o passado, de modo bastante semelhante ao que vimos em Iser.

Esse raciocínio sobre a presença da ficção no discurso do historiador parece ser válido também para outras formas de representação da experiência humana, como o jornalismo, o memorialismo e a própria biografia. Essa percepção parece estar presente no interesse renovado que os historiadores têm mostrado nas últimas décadas pelos relatos da vida de heróis e homens comuns, articulado a um movimento mais amplo de revalorização da narrativa pela historiografia contemporânea. Para voltar à discussão do tema central deste trabalho, então, vejamos mais duas referências do campo histórico, agora dedicadas a pensar a utilização da biografia pela história e as relações entre as trajetórias individuais e os objetivos mais amplos dessa disciplina, como forma de conhecimento e reflexão sobre o passado que privilegia a dimensão coletiva.

A primeira delas é o ensaio “Usos da biografia”, do italiano Giovanni Levi, nome fundamental da chamada Micro-história. Refletindo sobre a revalorização da biografia nos estudos históricos, Levi esboça uma tipologia, por meio da qual procura descrever as diferentes abordagens de que ela tem sido objeto nesse campo, articulando de diferentes maneiras as tensões entre o indivíduo, a coletividade e as normas sociais. Teríamos, então, a “biografia modal”, em que o indivíduo aparece como representante de um grupo e ilustração de normas e estruturas sociais; a “biografia contextual”, em que as trajetórias individuais são narradas, preenchidas e explicadas a partir de um pano de fundo histórico; as “biografias de casos extremos”, que exploram as margens dos contextos e das normas sociais; e a “abordagem hermenêutica”, mais atenta à dimensão enunciativa da biografia e refratária às interpretações unívocas das trajetórias individuais.⁸

⁷ WHITE. O texto histórico como artefato literário, p. 115.

⁸ LEVI. Usos da biografia, p. 174-178.

Reconhecendo o fato de que essa tipologia não é exaustiva, o historiador considera que nenhuma dessas quatro categorias capta com precisão as incoerências entre as normas sociais nem as diferentes motivações que orientam as escolhas individuais. Ainda assim, a biografia é, para ele, “o campo ideal para verificar o caráter intersticial [...] da liberdade de que dispõem os agentes e para observar como funcionam concretamente os sistemas normativos, que jamais estão isentos de contradições”.⁹ Seria esse, portanto, o caminho a ser trilhado pela biografia histórica, de modo a permitir um exame mais acurado das contradições entre os sistemas normativos e do fato de que a liberdade individual opera nas lacunas e nessas contradições, manipulando-as e interpretando-as segundo diferentes tipos de racionalidade.

Sentido semelhante tem o ensaio “A biografia como problema”, da francesa Sabina Loriga, outro nome ligado à Micro-história. Falando sobre o mesmo contexto de revalorização da biografia nos estudos históricos e buscando uma “função heurística” dos relatos biográficos, ela se volta para o passado do gênero e identifica nele alguns “projetos fortes”, por meio dos quais a biografia serviu para a formulação de problemas do campo histórico. A “biografia heroica” de Thomas Carlyle, por exemplo, interessa-se pelo grande homem, que enfrenta e transcende o princípio da necessidade e atua como motor dos processos de transformação histórica. Nesse tipo de abordagem, o homem comum merece apenas um tratamento coletivo.¹⁰ Compartilhando esse desinteresse, teríamos também a visão “providencial” da biografia, ligada à Filosofia da História do século XIX, para a qual as idiossincrasias pessoais têm pouca relevância e os indivíduos são meros instrumentos de uma razão suprapessoal, que comanda sub-repticiamente o devir histórico.¹¹

O homem comum, no entanto, ganha maior destaque em outros projetos biográficos identificados na história do gênero por Loriga. A biografia do “homem patológico”, de Jacob Burckhardt, questiona as caracterizações excessivamente metafóricas do mundo e interessa-se pelo homem comum, buscando nas suas histórias os sofrimentos, as contradições, as aporias e os paradoxos da vida humana.¹² A biografia do

⁹ LEVI. Usos da biografia, p. 180.

¹⁰ LORIGA. A biografia como problema, p. 233-237.

¹¹ LORIGA. A biografia como problema, p. 230-231.

¹² LORIGA. A biografia como problema, p. 237-240.

“homem partícula”, de Hyppolyte Taine, por sua vez, vê o historiador como um biólogo, que não está em busca de heróis ou abstrações generalizantes, mas do indivíduo particular e concreto, nas suas circunstâncias também particulares de existência psicológica. Com uma técnica comparável ao pontilhismo na pintura, o biógrafo deve captar o detalhe, como ponto nodal e sobredeterminado da história, na sua condição de fragmento e indício da ausência de um sentido unitário da vida humana.¹³

Após a descrição desses projetos biográficos, a historiadora observa que, na contemporaneidade, a crise do heroísmo leva a uma aposta no homem comum e nos vencidos da história. Propõe, então, uma “biografia coral”, que não estaria voltada nem para o herói nem para o indivíduo típico, mas seria capaz de aceitar as incertezas, renunciar à integridade e captar a multiplicidade da experiência humana. A biografia serviria, assim, para “romper o excesso de coerência do discurso histórico”, interrogar as tensões e incertezas entre o que foi e o que poderia ter sido, “recuperar os desvios, as fissuras e os acidentes, mas também as potencialidades do passado”, restituindo-lhe sua complexidade.¹⁴

Pensando no caráter narrativo e ficcional da biografia, podemos ver nesses dois conjuntos de categorias não apenas duas tipologias, frutos de um antigo vício classificatório ou de um esforço legítimo para sistematizar as relações entre biografia e história. Podemos supor que essas categorias correspondam a estruturas narrativas, formas de urdidura de enredo e modos de narrar histórias de vida de heróis e homens comuns; a ficções que articulam maneiras específicas de conferir sentido a essas vidas. Nelas, o homem comum aparece sem rosto e sem papel no drama histórico; como reflexo do contexto; como exemplo de processos históricos e destinos coletivos; como partícula irredutível ao todo; como sintoma dos conflitos e das vicissitudes sociais; para finalmente se colocar como possibilidade de captar as incoerências e contradições do passado e de romper o caráter generalizante do discurso histórico.

Em síntese, podemos dizer que a biografia aparece, para os historiadores contemporâneos, como a possibilidade de um corte metonímico no discurso da história, como uma imagem que pode colocar em xeque o caráter generalizante dos relatos sobre o passado e as metáforas do homem e do destino coletivo que eles encarnam.

¹³ LORIGA. A biografia como problema, p. 241-244.

¹⁴ LORIGA. A biografia como problema, p. 245-249.

A biografia do homem comum, em especial, nos lembra também que qualquer narrativa é um saber parcial, lacunar e incompleto, uma enunciação inseparável de um ponto de vista local e de um teor ficcional inevitavelmente ligado a esse ponto de vista, ou seja, de suas formas específicas de conhecer e imaginar o real.

Desse modo, a discussão dos historiadores se aproxima das reflexões contemporâneas, no campo dos estudos literários, sobre os textos do chamado “espaço biográfico”,¹⁵ constituído pelos diversos gêneros dedicados à narrativa de vidas de pessoas reais, como o diário, a correspondência, a biografia e a autobiografia. Uma discussão que é fortemente marcada pelo questionamento da representação, pela afirmação do papel da linguagem e da cultura na constituição do sujeito e de suas visões de mundo e pelo atravessamento das fronteiras entre os gêneros e categorias fixas. Nesse campo, vêm ganhando cada vez mais atenção os textos que problematizam explicitamente o caráter referencial da escrita biográfica, que os teóricos procuram descrever criando novas rubricas genéricas, como as chamadas “autoficções” (uma mutação contemporânea da tradicional autobiografia) e “bioficções”, ou “ficções biográficas”.

Particularmente pertinentes para a reflexão proposta neste trabalho, as “ficções biográficas” são definidas sinteticamente por Anne-Marie Monluçon e Agathe Salha como “biografias imaginárias de personagens reais”.¹⁶ Uma linhagem especialmente fértil da literatura atual, que encontra seu principal modelo nas *Vidas imaginárias*, de Marcel Schwob, e é constituída por textos genericamente indecidíveis, que se colocam estrategicamente entre a referência e a invenção para narrar a vida de pessoas pequenas e obscuras cujos registros documentais são geralmente poucos e fragmentários. Como uma “escritura segunda”, esses textos parodiam e invertem o modelo das biografias de homens ilustres, explorando as lacunas entre os fatos e as fontes da história, questionando de maneira aguda os paradoxos do saber biográfico e

¹⁵ ARFUCH. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*.

¹⁶ “[...] biographies imaginaires de personnages réels” (MONLUÇON; SALHA. Introduction. Fictions biographiques XIX^e-XXI^e siècles: un jeu sérieux?, p. 8, tradução nossa).

“mostrando uma consciência antipositivista dos limites da ciência e uma confiança renovada nos poderes heurísticos da literatura”.¹⁷

3. O destino de Guará

Quando lidas a partir desse horizonte teórico, as biografias dos personagens do mundo esportivo perdem sua naturalidade mimética, evidenciando-se como resultado de um trabalho de imaginação construtiva, que joga ao mesmo tempo com o fato e a ficção. Cumpriria ao analista, portanto, identificar nesses textos a presença dos artifícios narrativos, tais como as estruturas de enredo, os procedimentos de caracterização e as estratégias de manejo do ponto de vista, a fim de compreender o modo como eles funcionam e produzem sentido, contribuindo para a formação de nossa cultura esportiva. Trata-se, enfim, de pensar a biografia esportiva na sua dimensão textual e enunciativa; não apenas em função de seu conteúdo, da trajetória de vida que ela busca representar. Desse ponto de vista, tanto quanto as histórias dos grandes heróis esportivos, interessam também os relatos biográficos sobre personagens menos conhecidos, cujas trajetórias não alcançaram, por diferentes razões, a fama e o estrelato.

Como exemplo das potencialidades desse tipo de abordagem, vejamos alguns relatos sobre a trajetória de um desses personagens que, em nossa memória esportiva, estão no limiar entre a lembrança e o esquecimento. Falemos de Guaracy Januzzi, o Guará, atacante do Atlético Mineiro nos anos 1930, conhecido em sua época pelo apelido de “Perigo Louro”. Seu nome não é de todo estranho ao público do futebol em Minas Gerais, pois está presente no título do Troféu Guará, premiação conferida pela mídia local, sob a liderança da Rádio Itatiaia, aos jogadores e outras personalidades do esporte mineiro que mais se destacam a cada ano. Se Guará não foi exatamente um “homem comum”, já que teve um início bem-sucedido de carreira e despontou para o estrelato, também não foi propriamente um herói, pois teve sua ascensão dramaticamente interrompida por um violento choque de cabeça com o zagueiro Caieira,

¹⁷ “[...] témoignent d’une conscience anti-positiviste des limites de la science et d’une confiance retrouvée dans les pouvoirs heuristiques de la littérature” (MONLUÇON; SALHA. Introduction. Fictions biographiques XIX^e-XXI^e siècles: un jeu sérieux?, p. 32, tradução nossa).

num jogo contra o eterno rival, o Palestra Itália (hoje Cruzeiro), em 4 de julho de 1939. O acidente e suas consequências atraíram grande interesse jornalístico, provocando comoção no público e gerando uma série de matérias nos periódicos da época. Alguns anos mais tarde, foi publicada até mesmo uma curiosa biografia, escrita por Antônio Tibúrcio Henriques. Um rápido passeio por alguns desses textos pode nos ajudar a recuperar, no campo do jornalismo esportivo, as reflexões sobre a biografia que esboçamos acima.

O primeiro deles é uma matéria publicada no número de estreia da elegante revista *Alterosa*, poucas semanas após o acidente com o jogador. Intitulada “Um domingo com Guará”, a matéria ocupa duas páginas espelhadas, emolduradas por uma elaborada foto-legenda, composta por vários quadros que mostram o atleta em seu cotidiano doméstico, no período em que se preparava para as primeiras tentativas de retomar sua condição de herói esportivo: Guará sendo acordado por sua esposa, fazendo sua toailete matinal, almoçando com amigos, cuidando de sua filha recém-nascida, criando galinhas e alimentando seus passarinhos, como um pacato homem do interior.

Contrastando com a foto-legenda, o texto central da matéria descreve as qualidades do craque e suas proezas incríveis dentro de campo: “Corpo e alma empenhados na vitória de sua gente, é o perigo permanente e terrível, porque leva, nas pernas, a velocidade elétrica do raio, e, no bico da chuteira, a miraculosa pontaria de Guilherme Tell.”¹⁸ O acidente com Caieira é evocado de uma forma dramática, que parece antecipar o desfecho trágico que já se anunciava: “O Destino, vingativo e cruel, teve inveja de sua sorte, porque ele era rei, e um povo lhe dera um trono.”¹⁹ A conclusão do texto, por sua vez, não esconde a inspiração nas histórias de cavalaria e nos contos de fadas, para manifestar otimismo e esperança: “E as multidões, que querem aplaudir, esperam, agora, a sua volta, para ovacioná-lo com mais entusiasmo, mais calor, mais vibração, e reconduzir ao trono o rei louro, que venceu o invencível Dragão.”²⁰

Podemos ver, claramente, que a reportagem constrói a imagem do ídolo esportivo pelo contraste entre o homem comum de hábitos interioranos e o herói de façanhas extraordinárias dentro de campo. Num

¹⁸ UM DOMINGO com Guará, p. 48.

¹⁹ UM DOMINGO com Guará, p. 49.

²⁰ UM DOMINGO com Guará, p. 49.

contexto de difusão e consolidação do futebol no interior mineiro, essa abordagem pode ser interpretada como parte de um esforço mais amplo de mediação entre a moderna cultura esportiva e a cultura tradicional das pequenas cidades e da zona rural. Esforço que se intensifica na década de 1940 e do qual também fizeram parte outros nomes importantes da imprensa esportiva local, como o chargista Mangabeira (criador dos famosos mascotes dos clubes mineiros, como o Galo e a Raposa) e o cronista Malagueta, com sua memorável coluna “Grão de pimenta”. Mas a reportagem da revista *Alterosa* foi feita num momento em que a história de Guará ainda não tinha se resolvido, projetando um futuro possível que não se efetivou na realidade. Depois de diversos e melancólicos fracassos, o jogador desistiu do futebol e acabou como um modesto vendedor de loterias. Sua história, então, foi retramada com base em outras matrizes narrativas.

Essa nova configuração pode ser encontrada, por exemplo, numa curiosa matéria assinada por Cláudio Tavares, publicada pelo vibrante *O Diário Esportivo*, em 1945, sob o sugestivo título “O romance de Guará”.²¹ Nessa matéria, predomina uma abordagem trágica dos acontecimentos, por meio da qual se ressalta o abandono em que se encontrava o jogador, após seus sucessivos fracassos: “Aquele mesmo Guará, que não podia dar um passo sem receber um abraço de um atleticano, estava agora com o bilhete de loteria na mão. [...] O destino dos homens. A ingratidão das multidões.” Curiosamente, o trabalho como vendedor de loterias funciona como uma metáfora do destino, sempre vulnerável às obras do acaso e da contingência. Ao longo do texto, a trajetória de Guará passa a representar também a de outros atletas que terminaram suas carreiras na indignância: “Não viram o caso do Castanheira [...] que morreu sem assistência num hospital de Belo Horizonte? Não se lembram do triste fim de Fausto, o ‘Maravilha Negra’, hoje sepultado [...] no anonimato de uma sepultura rasa do cemitério de Santos Dumont?”. O jornalista conclui, então, defendendo a criação de “uma caixa de assistência para os profissionais inabilitados”, a fim de que sejam evitadas “as dificuldades tão comuns aos lares dos ‘players’ imprevidentes”. Desse modo, a tragédia pessoal de Guará é transformada em destino coletivo e interpretada como sintoma de um problema social mais amplo.

²¹ TAVARES. O romance de Guará, p. 5.

Impossível encerrar este rápido passeio pelos textos que narram a história de Guará sem falar um pouco sobre a curiosa biografia de Antônio Tibúrcio Henriques, que certamente mereceria um tratamento mais cuidadoso. O livro teve duas versões: a primeira de 1949, com o nome de *Vida de glórias e sacrifícios*, e a segunda de 1968, com o título mais dramático e sintético de *Cabeçada fatal*. Segundo o próprio autor, a primeira edição foi escrita por “imposição de uma época”, atendendo a um clamor popular por informações sobre o destino do jogador e buscando “traduzir [...] o brado de revolta de um craque que vira ruir à sua frente a esperança de uma consagração definitiva”.²² Já a segunda e definitiva versão – a única a que foi possível ter acesso direto, na Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, em Belo Horizonte – parece responder sobretudo a um desejo de salvar a história de Guará do esquecimento, depois de quase trinta anos da fatal cabeçada.

Seguindo as convenções do gênero e as expectativas dos leitores, o livro reconstitui a trajetória do jogador, desde a infância simples de garoto do interior até a vida modesta e sofrida de ídolo decaído. Embora essa trajetória não seja contada de forma rigorosamente linear, observando-se também um vetor temático na organização dos assuntos, o texto constrói claramente um movimento temporal, que acompanha em ritmo galopante a ascensão meteórica do jogador, atinge o clímax no fatídico acidente que o vitimou e se demora nas suas malsucedidas tentativas de retornar à condição de astro. Para recompor essa trajetória, o autor se vale de depoimentos, inclusive do próprio biografado, e documentos diversos como fotos, cartas e matérias jornalísticas, assim como de informações contextuais sobre a história do Atlético e do futebol em Minas Gerais. Ainda conforme a tradição biográfica, uma grande atenção é dada aos episódios mais candentes e curiosos da história do jogador, à sua vida pessoal e à sua personalidade, ao que ele dizia e ao que diziam sobre ele. Ao fim da leitura, o que sobressai é, mais uma vez, a face trágica do destino de Guará, definida pela violenta interferência do acaso e sublinhada pelo tom patético com que são narrados os episódios posteriores ao acidente. Em suas páginas finais, o livro adquire também um certo clima de mistério, provocado pelas especulações em torno dos reais motivos de seu fracasso final.

²² HENRIQUES. *Cabeçada fatal*, p. 7.

O mais interessante nessa biografia, no entanto, é a plena consciência demonstrada pelo autor quanto ao caráter fabular de sua escrita e, em última análise, do próprio universo esportivo, com suas histórias e seus personagens, mas também os seus mestres na arte do relato e seu arsenal de técnicas narrativas. Essa consciência fica bastante clara, por exemplo, nas páginas iniciais do livro, quando o autor admite que “a vida de Guará poderá ter naturalmente várias versões” e que a sua é apenas “uma delas – nada mais”.²³ Ou quando, comentando as mudanças que efetuou na segunda versão do livro, afirma que nela serão encontrados “alguns capítulos novos, que contribuem para ajustar a narrativa da carreira de Guará como jogador profissional ao papel bem diverso vivido pelo nosso personagem na quadra posterior”.²⁴ O mesmo se pode dizer sobre a grande importância que a própria imprensa esportiva ganha em diversos momentos da narrativa, não apenas porque noticiava o que acontecia com o jogador e repercutia as expectativas do público, mas também porque se tornava decisiva para a própria imagem que Guará ia construindo de si mesmo.

O mesmo tom trágico e a mesma consciência do artifício estão presentes também no prefácio do livro, escrito por ninguém menos que o famoso compositor e radialista Ary Barroso, que como Guará era natural da cidade de Ubá. Depois de falar sobre a cidade natal e os filhos ilustres que ela legou ao mundo, de exaltar as qualidades e os feitos de Guará, o prefaciador se detém na comoção causada pelo acidente com o jogador e nas expectativas por sua volta triunfal aos gramados. Lembra, então, o dia em que o viu jogar, em Poços de Caldas, assumindo abertamente um tom melodramático: “Quase chorei – adoeci – por que disfarçar? [...] Ali estava o Guará jogando com o prestígio de sua fama. [...] Estava encenando o último capítulo de uma vida esportiva triunfal.”²⁵ Algumas linhas à frente, ecoando a matéria publicada pela revista *Alterosa* em 1939, Ary Barroso esculpe a frase lapidar, que ficou para a posteridade como a cifra definitiva da trajetória do craque e de seu destino frustrado: “A fama teve inveja de Guará e condenou-o”.²⁶

²³ HENRIQUES. *Cabeçada fatal*, p. 8.

²⁴ HENRIQUES. *Cabeçada fatal*, p. 9.

²⁵ BARROSO. Prefácio, p. 4.

²⁶ BARROSO. Prefácio, p. 4.

Vistos em seu conjunto, os relatos sobre a história de Guará adquirem uma ressonância que ultrapassa o simples caso pessoal e o interesse do aficionado pela história do esporte. Os acontecimentos são capturados por diferentes *performances* narrativas, que conferem a eles um significado cada vez mais denso e sobredeterminado, acabando por torná-los um emblema da dimensão trágica da vida. Esse emblema se materializa numa sucessão de imagens que caracterizam o personagem e metaforizam seu destino: o criador de passarinhos, que faz do ídolo esportivo um homem comum do interior; o guerreiro que luta contra o terrível dragão, em busca de um futuro possível e desejado; o vendedor de loterias, símbolo do caráter insondável da sorte; a “cabeçada fatal”, materializando com violência e dramaticidade o choque com o acaso e as circunstâncias; e, finalmente, Guará sendo condenado por um destino implacável e invejoso.

4. Considerações finais

Contraposta aos relatos biográficos sobre os grandes heróis da mitologia esportiva brasileira, a história de Guará vale pela de tantos outros craques que não chegaram ao estrelato. Pela história dos meninos que não foram escolhidos nas peneiras dos grandes clubes, dos jovens que não tiveram oportunidades condizentes com seu talento, dos craques que desperdiçaram suas chances e acabaram caindo nas armadilhas do destino. Um destino que ceifa carreiras, trajetórias e futuros possíveis de pessoas que sonham com o futebol ou alguma outra promessa de felicidade. Um destino que às vezes é apenas a sorte e o acaso, mas que pode ser também o outro nome das circunstâncias históricas, sociais e culturais a que todos estamos submetidos, sempre difíceis de entender e por isso tão dependentes do saber narrativo. Como uma tragédia, a história de Guará nos ajuda, enfim, a questionar e relativizar um pouco as grandes narrativas épicas de sucesso e heroísmo que povoam nosso imaginário e nossa cultura esportiva.

Esta breve análise de alguns textos que contam a história de Guará tem, como foi dito acima, um caráter apenas exploratório, com o objetivo de exemplificar as possibilidades abertas, pela reflexão teórica, para a leitura e a interpretação das biografias esportivas. Seria certamente interessante ampliar o debate e acrescentar a ele alguma perspectiva comparatista, analisando biografias de outros personagens

do futebol brasileiro e de personagens ligados a outros esportes e outros países. Tanto a escrita biográfica quanto o próprio universo esportivo, que ela eventualmente toma como tema, possuem uma grande diversidade, oferecendo farto material para esse tipo de abordagem. No contexto brasileiro, além dos consagrados heróis do futebol, podem ser lembrados nomes como os da jogadora Marta, encarnação feminina e problemática de nossa clássica mitologia esportiva; de jogadores rebeldes e politicamente engajados, como Afonsinho, Reinaldo e Paulo César Caju; de modelos elitistas de excelência esportiva, como o piloto Ayrton Senna (com sua morte espetacular, transmitida ao vivo pela TV) e o técnico de vôlei Bernardinho (com sua autobiografia voltada para a autoajuda e o mundo empresarial), entre tantos outros, cujos relatos biográficos assumem uma significação relevante em nosso imaginário e nossa cultura. Os limites deste trabalho, no entanto, permitem apenas que indiquemos esses desdobramentos potenciais, como uma provocação para futuras pesquisas e um convite para uma forma de ler as biografias esportivas.

Referências

- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.
- BARROSO, Ary. Prefácio. In: HENRIQUES, Antônio Tibúrcio. *Cabeçada fatal*. Belo Horizonte: Banco Mineiro do Oeste, 1968. p. 3-5.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.
- DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009.
- EU sou Jaguarão, o preto que tem *shoot* de branco. *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 jun. 1931, p. 8.
- HENRIQUES, Antônio Tibúrcio. *Cabeçada fatal*. Belo Horizonte: Banco Mineiro do Oeste, 1968.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *Teoria da literatura em suas fontes*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 2, p. 955-987.

LEÔNIDAS conta sua vida nas canchas de *football*. *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 set. 1931, p. 8.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 167-182.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 225-249.

MONLUÇON, Anne-Marie; SALHA, Agathe. Introduction. Fictions biographiques XIX^e-XXI^e siècles: un jeu sérieux? In: _____ (Org.). *Fictions biographiques: XIX^e-XXI^e siècles*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2007. p. 7-32.

TAVARES, Cláudio. O romance de Guará. *O Diário Esportivo*, Belo Horizonte, 2 ago. 1945, p. 5.

UM DOMINGO com Guará. *Alterosa*, Belo Horizonte, ano 1, n. 1, p. 48-49, ago. 1939.

WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In: WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: EDUSP, 1994. p. 97-116.